



CULTURA

➤ ARTUR PORTELA
Escritor, autor de “As Noivas de São Bento” (Publicações Dom Quixote)

“O espírito inquisitorial é algo que pesa sobre nós há séculos”

Artur Portela lançou um romance epistolar, onde o protagonista, cujo nome nunca é referido, é um ditador que exerce um poder terrível sobre as mulheres

Rui Azeredo

As Noivas de São Bento”, romance epistolar e muito bem-humorado de Artur Portela, tem um protagonista com nome desconhecido, mas... Salazar anda por ali. Com o seu estilo irónico e refinado, Portela faz o retrato de um homem, de uma época e de uma sociedade, num relato que tem paralelos com os nossos dias.

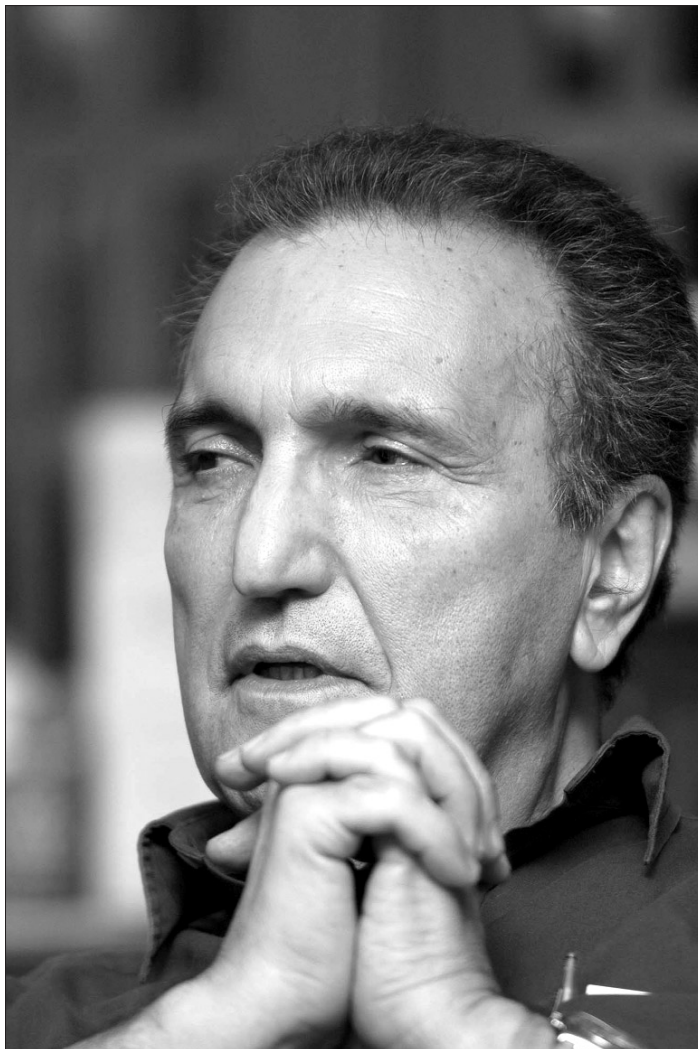
- O protagonista de “As Noivas de São Bento” nunca é explicitamente revelado...

- É a figura de um homem que ao longo de 40, 50 anos exerce o poder sobre dezenas, centenas, milhares de mulheres e ao exercer o poder sobre as mulheres está a exercer o poder sobre todo o espaço que elas ocupam. É uma metáfora sobre o poder e sobre a solidão e sobre o jogo que o amor pode ser como uma certa crueldade também pode ser.

- Como lhe ocorreu escrever este romance e nesta forma original (epistolar), através de bilhetes, cartas?

- Bom, eu sou filho do século XX português, tenho muito interesse pela História contemporânea, pelos anos 30, 40, 50, pelos regimes europeus autoritários. Aliás, estudei, com objectivos académicos, as relações entre o regime autoritário português dos anos vinte e alguns, até aos anos 60, 70, 73, 74, e outros regimes autoritários. E portanto esta época, que este livro de alguma forma retrata, embora aqui não haja nome de país, nome de pessoas e não haja propriamente anos, por isso o livro poderá representar essa época, mas na minha perspectiva ultrapassa essa precisão cronológica e pretende ser uma metáfora sobre o poder e a solidão.

A relação homem-mulher é



Artur Portela escreveu uma metáfora sobre poder e solidão / ARMÉNIO BELO

na minha perspectiva a relação decisiva, desde logo a relação homem-mãe, homem-mulher, homem-namorada, amante, mulher protegida. É uma relação absolutamente decisiva no ponto de vista de afirmação de uma verdadeira masculinidade. Este livro é um homem perante

milhares de mulheres, relacionado-se com elas, sendo envolvido, cercado, visitado, elogiado, apapicado pelas mulheres mas mantendo-se sempre a uma certa distância. Daí “As Noivas de São Bento”, São Bento como local simbólico do poder.

- Sente necessidade de falar

“Hoje em dia os poderosos escrevem mal”

- Que expectativas tem para “As Noivas de São Bento”?

- Gostraria que não fosse tomado como caricatura dramática de um tempo e de uma figura, é um risco, e que fosse lido como parábola ou metáfora onde o poder masculino se decide na relação com a mulher.

- Não teme que ao usar o humor possa ser mal compreendido?

- Não, acho que o humor, se pensarmos que tem sido utilizado de uma forma tragico-cómi-

ca, em que o sorriso chora e a lágrima ri, não há propriamente campos - aqui acaba o humor e começa o drama. Acho que as coisas estão interpenetradas. Acho que a vida, mesmo dramaticamente vivida, está também eivada de um certo traço de humor. E o livro tem um travo de humor, mas também um grande travo de melancolia. É a forma mais eficaz de fazer a denúncia desta frieza, violência e linguagem quase à Padre António Vieira. Uma linguagem um

dessas épocas que estudou, porque as pessoas actualmente não dão valor ao que se passou? Há alguns direitos que têm agora e que não sabem como foram conquistados.

- Sim, em parte. De qualquer forma estou a falar de mim e de uma época que vivi e sofri, de uma forma angustiante. E essa angústia precisa de emergir para ser enfrentada e gerida por mim. Isto por um lado. Por outro lado, esta opacidade, este peso, esta angústia que aqui de alguma forma é retratada e criticada não é uma coisa que corresponde unicamente ao século XX português e aos anos 20, 30, 40, 50, 60. É uma coisa que se identifica com boa parte do ser português. Isto foi assim também no século XX, porque no século XVIII, XVII, XVI já eramos em parte isso. Por exemplo o espírito inquisitorial é uma coisa que pesa sobre nós séculos e que está a montante disto e a jusante, na medida em que o poder e a utilização das mulheres por parte desse poder ainda é contemporânea. É uma coisa que se prolonga mesmo em regimes não-autoritários, democraticos, porque o estilo e a maneira de ser portuguesa não muda do pé para mão. Não é com uma revolução que muda.

- Está decepcionado por essa mudança ainda não ter ocorrido?

- Há coisas que evidentemente mudaram e de uma forma decisiva e muito positiva. Mas há outras coisas que se mantêm e que vão emergindo, reaparecendo, parece que resuscitam. É porque estão lá, em profundidade estão dentro de nós.

DADOS DE INTERESSE

- Nasceu em Lisboa
- Formado em História
- Publicou “Feira das Vaidades” em 1959
- Membro da Alta Autoridade para a Comunicação Social

- “As Noivas de São Bento” pretende alertar para essa situação?

- Também. Pretende alertar para a frieza, a desumanidade, a crueldade, o perigo de uma inteligência de gelo. Contra a solidão e a favor da solidariedade, contra a malignidade de um determinado tipo de inteligência e a favor do amor. Porque este, sendo um livro de amor, também é de ódio e de ajuste de contas. Para já, freudianamente, com a própria maternidade, com a própria mãe do protagonista. Ele vai repetindo e exercendo uma espécie de vingança sobre as mulheres porque terá sido condicionado, maltratado, limitado, cerceado, impedido de ser.

- A capa tem uma imagem de Paula Rego. Olhou para este quadro e foi amor à primeira vista?

- Absolutamente, foi uma revelação, além de ter sido um “coup de foudre”. Eu gosto imenso da Paula Rego desde há muito e estava a percorrer a exposição (em Serralves) e de repente... pás! Assim em cheio, pimba, a capa! Pensei neste livro com uma capa com uma fotografia de dezenas e dezenas de mulheres fazendo uma saudação à mocidade portuguesa feminina, numa calçada em frente de um muro. Mas isto tem um força muito grande e corresponde, o livro corresponde à capa.



pouco barroca que corresponde ao espírito organizado literário culto, elitista desta figura. Hoje em dia os poderosos escrevem mal, houve um tempo em que escreviam bem, o De Gaulle, o Churchill.

- É isso que faz falta a quem está agora no poder?

- Saber comunicar, saber pensar aquilo que está a dizer. Hoje em dia fala-se com slogans, de uma forma repetitiva, vazia, circunscrita, escassa. A comunicação está empobrecida.